



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v26n01/2019p368-395>

NO RITMO DAS EXPERIÊNCIAS OUTRAS: NOTAS SOBRE A *PERSONA NUMERABILIS* E ALGUMAS FORMAS DE SUBJETIVAÇÃO NA ERA DO PRODUTIVISMO ACADÊMICO

IN THE RHYTHM OF THE EXPERIENCES OTHER: NOTES ON THE *NUMERABILIS PERSONA* AND SOME FORMS OF SUBJECTIVATION IN THE ACADEMIC PRODUCTIVISM

Éderson Luís Silveira¹

Data de recebimento: 12/04/2019

Data de aceite: 16/05/2019

RESUMO: Neste artigo analisamos o funcionamento do discurso do produtivismo acadêmico a partir da análise discursiva do documento digital do Manifesto *Slow Science*. Para a análise discursiva consideraremos a função enunciativa que tem como elementos do funcionamento discursivo o referencial, a existência de uma posição-sujeito do manifesto, um domínio associado e uma existência material dos enunciados. Posteriormente, os conceitos de experiência e de poder como uma teia de relações que se estabelecem em rede por todo o corpo social serão utilizados como ferramentas para o gesto interpretativo que estamos propondo. Concluimos que é necessário haver a desnaturalização de formas de perceber a ciência sem negligenciar o campo dos micropoderes no qual deve se inserir uma ontologia de nós mesmos. Trata-se de assinalar a necessidade de um ethos que reforce a crítica do que somos, uma análise histórica dos limites que nos são colocados e a possibilidade de ultrapassá-los.

PALAVRAS-CHAVE: Ontologia do presente; Ciência; Subjetivação; Objetivação.

ABSTRACT: In this paper we analyze the operation of academic productivity from the discursive analysis of document Manifest digital Slow Science. Discursive analysis will consider the example function that the operating elements the discursive, the existence of a subject position of the manifesto, a domain member and a material existence of the statements. Subsequently, the concepts of experience and power as a Web of relationships that are established in the body social network will be used as tools for interpretive gesture that we are proposing. We concluded that there needs to be the denaturalization of ways to realize the science without neglecting the field of micropoderes in which must insert an ontology of ourselves. It is to point out the need of an ethos to strengthen criticism of who we are, a historical analysis of the limits that are placed and the possibility to surpass them.

KEYWORDS: Ontology of this; Science; Subjectivation; Objectification.

¹ Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. E-mail: ediliteratus@gmail.com





Introduzindo o percurso

Vejam meus livros como se fossem óculos. Eles servem para ver. Se vocês veem bem com eles, ótimo. Se não, mudem de óculos. [Proust]

O único conselho útil nesta hora, por mais decepcionado que possas estar; conhece-te a ti mesmo, amigo, e adaptando-te aos duros fatos lança mão de novos modos. [Ésquilo, *Prometeu Acorrentado*]

Este texto se inscreve no caminho de outros textos que buscam pensar uma história do presente a partir das contribuições de Michel Foucault. Não se pretende aqui a ilusão tranquilizadora de um sentido único e inevitável, mas o encontro com turbulências, incompletudes, ressonâncias deste e de outros pensadores a fim de nos atermos em práticas que engendram subjetividades na universidade hoje. Trata-se de investigar e interpretar práticas discursivas e não discursivas que objetivam a vida e institucionalizam efeitos de verdade na academia. Pensando na existência de um discurso autorizado, legitimado que silencia outros discursos e práticas não se pode negligenciar que existem possibilidades de construção de modos de vida outros e realidades históricas que visem problematizar saberes instituídos como válidos e regulados por consensos que produzem formas de subjetivação.

Dois acontecimentos em especial serviram de inspiração para as reflexões a ser apresentadas no presente trabalho: O manifesto da *Slow Science*², lançado no final de 2011 e a divulgação de um estudo de 2015 realizado na Universidade Berkeley da Califórnia onde se constatou que 47% dos alunos de pós-graduação sofrem de depressão seguido de um estudo de 2005 no qual se constatou que pelo menos 10% já haviam cogitado suicídio³. Quando se afirma que tais trabalhos

²Disponível em: <<http://slow-science.org>> Acessado em 27 de fevereiro de 2018.

³Disponível em: <<https://www.insidehighered.com/news/2015/04/22/berkeley-study-finds-high-levels-depression-among-graduate-students>> Acessado em 27 de fevereiro de 2018.





inspiraram este texto isso não significa que o presente artigo vai analisar exaustivamente o conteúdo de ambos. O que tais fatos possibilitam é a inspiração para que se pense algumas facetas da universidade na contemporaneidade a partir de algumas ferramentas conceituais específicas para que, ao final, possamos nos voltar para eles com rigor teórico que não se reduza à descrição deles. Para isso, antes de prosseguir, torna-se necessário assinalar três pontos que nortearão o bojo das reflexões que aqui estamos propondo:

- O conceito de poder em Foucault e a relação do poder com as (micro) resistências;
- O conceito de experiência a partir de alguns estudos foucaultianos;
- O resgate de ambos os conceitos e possíveis contribuições para refletir acerca do contexto do produtivismo contemporâneo.

Dessa forma, o presente trabalho será subdividido em três partes: a primeira parte visa trazer algumas considerações acerca do conceito de poder em Foucault, a segunda parte sobre a questão da experiência tomada a partir de leituras também foucaultianas, na terceira parte traçaremos uma análise discursiva do manifesto da *Slow Science* seguido das considerações finais articuladas as noções mencionadas anteriormente.

Nas tramas do poder

Pensar o poder a partir de Foucault pode fazer com que o leitor se enrede em uma trama repleta de armadilhas que pode resultar em reducionismos que trazem afirmações do tipo: 1. subdividir em diversos micropoderes uma estrutura que foi percebida como organismo unitário (poder soberano) pode resultar no enfraquecimento da luta; 2. A microfísica dos poderes não deixa clara de que forma





ocorre a resistência. 3. A aparição cada vez mais efetiva dos aparelhos ideológicos - produtores de efeitos repressores na vida dos cidadãos - é cada vez mais evidente e afirmar que as relações de poder atravessam os corpos sem atribuir uma fonte específica onde se localizaria o poder pode relativizar demais a leitura. Isso só para citar algumas críticas que podem emergir quando se fala nesta abordagem específica. É necessário, então, alguns apontamentos para contrapor tais reducionismos.

O poder em Foucault não é uma unidade estável e homogênea. Isso impossibilita de cair no risco de localizá-lo em algum lugar específico permanentemente. O que ele vai mencionar é a existência de relações de poder, visto que, para ele o poder se entrelaça ao tecido social atravessando corpos e subjetividades. Se o poder é exercido de alguns indivíduos sobre os outros indivíduos isso não significa que uns e outros sejam sempre os mesmos. Para ele, o poder existe enquanto ato, intervendo, produzindo efeitos. Neste contexto, práticas, saberes e instituições se entrelaçam o que faz com que ele rejeite a identificação entre poder e Estado, por exemplo.

As novidades dessa abordagem histórico-filosófica foram muitas: rejeitar a identificação entre poder e Estado, dando importância aos micropoderes, à rede de poderes moleculares estendida por toda a sociedade: escola, prisão, caserna, hospital, hospício; caracterizar o poder não apenas como repressivo, negativo, destruidor, mas também como disciplinar, positivo, produtivo, normalizador; analisar o saber como peça de um dispositivo político que o produz e é intensificado por ele; defender as resistências, específicas e contemporâneas dos variados dispositivos de poder como modo de recusar a dominação burguesa que os próprios saberes sobre o homem ajudaram a criar e a aperfeiçoar (MACHADO, 2017, p. 38).

A contribuição de tais reflexões reside na afirmação de que o poder não tem apenas caráter repressor, ele também gere a vida das populações para que





sejam utilizadas à exaustão. Assim, política e economicamente orientada, se tem a (re) produção de trabalhadores dóceis e obedientes. Outra proposição fortalece o argumento de existência de micropoderes: “[...] não é tomando o poder central que necessariamente se modifica a escola, a caserna, o hospício, a prisão ou o hospital. Cada uma dessas instituições levanta questões específicas a respeito desses poderes (MACHADO, 2017, p. 38)”.

A especificidade de cada instituição remete à relação desses micropoderes em relação ao poder central. Daí a inviabilidade de “derrubar” o poder central para que haja mudanças efetivas a longo prazo: tais poderes não podem ser reduzidos a simples extensão de um poder central. Isso porque a luta política não se dá apenas contra o Estado. Ela deve incidir ali no cotidiano específico em cada lugar que é essencial e contribui para o funcionamento do poder. Por isso saber e poder não podem ser antagônicos.

Na *Ordem do discurso* Foucault (2012) menciona que a produção de verdade se dá pelo ordenamento de saberes e legitimações do que é colocado como verdadeiro. Assim se tem uma reflexão sobre as práticas discursivas já que um discurso pode silenciar e desautorizar outros discursos. A formação de saberes instituídos como válidos remetem a possibilidades de construção histórica e, nesse sentido, práticas discursivas e não discursivas estão enoveladas por dispositivos que se movimentam “[...] da ordem do saber à ordem do poder interrogando as práticas que nos constituem historicamente” (CASTRO, 2009, p. 337). Os saberes que formam discursos não se desarticulam de um feixe de relações de poder visto que em Foucault não há relação de poder sem a constituição de um campo de saber. Para ele, todo saber constitui novas e heteróclitas relações de poder (Foucault, 2008).



O próprio Foucault foi criticado algumas vezes sobre o fato de que colocar o poder em toda parte exclui qualquer possibilidade de resistência. Sua resposta foi esclarecedora e ajuda a evitar reducionismos e confusões. Por isso reproduzimos abaixo:

Quero dizer que as relações de poder suscitam necessariamente, apelam a cada instante, abrem a possibilidade a uma resistência e é porque há possibilidade de resistência e resistência real que o poder daquele que domina tenta se manter tanto com mais força, tanto mais astúcia quanto maior for a resistência. De modo que é mais a luta perpétua e multiforme que procuro fazer aparecer do que a dominação morna e estável de um aparelho uniformizante. Em toda parte se está em luta – há a cada instante a revolta da criança que põe seu dedo no nariz à mesa, para aborrecer seus pais, o que é uma rebelião, se quiserem -, e, a cada instante, se vai da rebelião à dominação, da dominação à rebelião; e é toda essa agitação perpétua que gostaria de tentar fazer aparecer (Foucault, 2006, p. 232).

A questão do poder e da resistência pode ser assinalada em pontos reais como aqueles que sustentam a criação de um manifesto intitulado *Slow Science*. Isso porque a criação de um manifesto em que os riscos da mcdonaldização⁴ da ciência são alertados estão relacionados direta ou indiretamente aos dados da pesquisa da Universidade de Berkeley que noticiam índices alarmantes de depressão na pós-graduação. Por que a questão da resistência a partir dos micropoderes se torna eficaz? Por que pensar em um feixe de relações que atravessa o corpo social não reduz o poder a um organismo unitário hierárquico que incide sobre os sujeitos de cima (via órgão e agências de fomento e pesquisa) para

⁴ Salo e Hiekinnen (2011) se referem a um modelo de gestão de mercado implementado nas universidades acentuando que se trata da mcdonaldização das universidades. Para Zoppi Fontana (2012) a circulação de informações em ritmo cada vez mais desenfreado desencadeia o acentuamento de pressões por descobertas e avanços científicos que ocasiona a emergência de publicização de tal conhecimento produzido.





baixo (pesquisadores e estudantes universitários para quem tais regulamentações estão direcionadas).

Para além dos institutos de pesquisa estão os dados quantificadores das agências de fomento, mas acima delas está uma lógica neoliberal que cataloga, quantifica e exclui. O poder produz formas de subjetivação e tenta se manter com mais força quanto mais formas de resistências se instaurarem (algumas resistências podem ser confundidas com inércia ou mero desencaixe ao sistema). Para aumentar a produção do conhecimento são instauradas métricas que estimam rumos e estabelecem metas sob as vestes de incentivar o crescimento – e aparição em cenário internacional de impacto relevante - da comunidade científica local. Com as medições, vem a competitividade, com a competitividade, a mcdonaldização e a desumanização de sujeitos. Acadêmicos passam a ser percebidos como *persona numerabilis*.

Assim também não se pode deixar de mencionar que há um contexto mais complexo de existência de concursos que cobram produtividade, de indivíduos que buscam produzir a todo custo para se adequar, de periódicos que exigem titulações cada vez mais altas para envio de artigos, de formas de existência e modos de vida que não se adequam a esta lógica do capital quantificador que se instaura com cada vez mais vigor nas universidades. A percepção de Castiel, Sanz-Valero e Vasconcellos-Silva (2011) pode ser útil para compreensão desse quadro. Para eles, “[...] o artigo científico assume uma dimensão de mercadoria e traz elementos vinculados às transações do capital globalizado para o campo acadêmico” (CASTIEL; SANZ-VALERO & VASCONCELLOS-SILVA, 2011, p. 142).

Para Silveira e Silva quando indivíduos se submetem continuamente às regras do jogo do *publique ou pereça* temos então saberes possíveis acerca do



produtivismo acadêmico a partir de matrizes reguladoras e normativas de comportamento. Temos, portanto, o reflexo de embates que legitimam lugares e produzem formas de subjetivação na academia, no entorno de relações de poder e não apenas leis que regem condições acerca do lugar que um indivíduo pode (e deve) ocupar para ser sujeito. Desse modo, para Foucault, quando discursos são colocados em funcionamento produzem efeitos na constituição dos sujeitos (2012).

Então, se há modos específicos de subjetivação, isso quer dizer que os modos de subjetivar-se podem vir a ser outros. Por isso não se trata de buscar resolução, mas instaurar uma crítica capaz de desnaturalizar e problematizar o que já existe e se constituiu historicamente como um saber possível sobre quem somos hoje. O jogo do verdadeiro e do falso está emaranhado de condições de possibilidades que constituem objetos do discurso para o pensamento – que pode vir a ser outro e não sempre o mesmo (Foucault, 1986). Por isso pensar acerca dos dispositivos de poder que governam condutas permitem problematizar processos de subjetivação na atualidade.

Entretanto, ainda pelas abordagens desses dispositivos, potencializam-se igualmente formas de criação de possibilidades de emergirem singularidades no sujeito, capaz de criar infinitas formas de relação com o mundo que escapam de generalizações e tipificações de condutas. As estratégias de poder também são produzidas nas pequenas táticas locais e individuais, as quais incitam lutas, enfrentamentos, mudanças. As relações de poder não são polarizadas e nem fixas, de sorte a compreendermos o poder, para Foucault, também como dispositivo de resistência (ALMEIDA, FERRERI & BENGIO, 2015, p. 141).

Onde estão as resistências? Ali onde se reproduz a *fast Science* – que, geralmente, prima pela quantidade sob a qualidade – onde há indivíduos que, mesmo situados no contexto de uma linha de montagem subserial acadêmica,





resistem. Ainda há os que sonham – e de fato alguns conseguem – reservar um tempo para a família e para o lazer, privilegiar a qualidade dos textos produzidos, reservar parte de seu tempo para atividades de pesquisa. Para outros, tais ações continuam no campo das possibilidades futuras ou incertas.

Nos rastros da experiência

Em 1980, em uma entrevista, Foucault mencionou que seus livros são experiências porque deles saiu modificado. Isso faz com que a experiência, sob a ótica foucaultiana, passe a ser percebida como possibilidade de transformação de si. Bataille, Nietzsche e Blanchot foram para ele, então, autores que, alheios a qualquer sistema de pensamento, possibilitaram tal tipo de experiência. Experiência, para ele, é algo que se organiza

[...] não a partir de um princípio de identidade, onde se pressupõe uma unidade, uma unicidade, mas, antes, a partir de um princípio de transformação, um modo de ação no qual o sujeito se concebe no devir, sendo, em si mesmo, o nó de múltiplas relações (BRANDÃO, 2016, p. 81).

Por isso, a experiência não pode estar centrada em um sujeito soberano, completamente consciente, que regule seus atos, dizeres e gestos. Tal forma de experiência coloca o sujeito rumo à própria dissolução, descentramento, transformação que arranca o sujeito de si. De que vale saber se não for para pensar diferente do modo como havia pensado antes? Por isso, ao invés de partir da constatação de um sujeito fonte da experiência que a vive, passiva ou ativamente, Foucault vai questionar:





Não haveria experiências ao longo das quais o sujeito não fosse dado, as suas relações constitutivas, naquilo que ele tem de idêntico a si mesmo? Não haveria experiências nas quais o sujeito possa se dissociar, quebrar a relação consigo mesmo, perder sua identidade? (Foucault, 1984, p. 50).

Pensar em experiências remete a circunstâncias em que aquilo que lemos, estudamos, pesquisamos, aprofundamos faz com que saíamos modificados. Isso porque passamos a estabelecer relações outras com o que estiver em pauta. Por isso que é necessário que haja mais experiências na academia, no sentido foucaultiano. Por isso, pensando que a experiência se articula a processos de subjetivação e objetivação, é preciso atentar não para o mal que habita em tudo o que existe, mas que se possa pressentir o perigo em tudo que é habitual, que se apresenta como sólido (RABINOW & DREYFUS, 1995).

Ao longo dos anos 1960 Foucault vai enfatizar a diferença entre conhecimento e saber. Foi uma maneira de se opor a de um modo de pensar existencialista (como Sartre) no qual o sujeito se colocava como centro regulador de sentidos: o sujeito dá sentidos ao mundo. O sujeito é aquele que atribui significações. Por isso, o filósofo vai questionar: será o sujeito a única forma de experiência possível? Para dissociar a noção de experiência da noção de sujeito e trazer a hipótese de que a experiência é algo que transforma o sujeito, algo que possibilita o esfacelamento e sua dissolução que ele então diferencia conhecimento e saber (Foucault, 1984). Peter Pál Pelbart trouxe considerações acerca desta questão:

Enquanto o conhecimento é um trabalho que permite multiplicar os objetos cognoscíveis, desenvolver sua inteligibilidade, compreender sua racionalidade, mas preservando a fixidez do sujeito que investiga, o saber é um processo pelo qual o sujeito sofre uma modificação por meio daquilo que ele conhece ou do trabalho que efetua ao conhecer. Assim, o saber modifica o sujeito e constroi o objeto ao mesmo tempo.





É nesse sentido que toda a sequência arqueológica não é apenas um estudo sobre os saberes, mas sobre a emergência de certos objetos, como a loucura, a morte, a vida, a linguagem e simultaneamente de certos sujeitos, sujeito de razão, de vida, de linguagem, de produção, etc. É o estudo não apenas de um domínio, mas de uma experiência pela qual os homens se tornam sujeitos ao se engajarem nos estudos desses mesmos objetos. É toda uma gênese do sujeito que aí se vê apenas esboçada, para ser tematizada mais tarde, de maneira mais detida, quando for referida ao jogo de forças, às estratégias anônimas, ao campo do poder, Às formas do poder, com a produção de indivíduos atrelados à sua identidade bem como às formas de assujeitamento que são, ao mesmo tempo, modalidades de subjetivação (PELBART, 2015, p. 152).

Falar que há processos de subjetivação e que a noção de experiência não está articulada a identidade significa assinalar que não se pressupõe um sujeito centrado ou fonte por estar regido sob um princípio de transformação, um modo de ação no qual o sujeito não está acabado, unitário, centrado sob si, ele é então percebido como múltiplo e passível de múltiplas relações. Tomar a pesquisa, a escrita como lugares de modificação de si porque a experiência com o saber permite que haja uma mudança dos sujeitos com os objetos do mundo estudados.

Os discursos da doença mental, da delinquência ou da sexualidade só dizem o que é o sujeito dentro de um certo jogo muito particular de verdade; mas esses jogos não são impostos de fora para o sujeito, de acordo com uma causalidade necessária ou determinações estruturais; eles abrem um campo de experiência em que sujeito e objeto são ambos constituídos apenas em certas condições simultâneas, mas que não param de se modificar um em relação ao outro, e, por conseguinte, de modificar esse mesmo campo de experiência (FOUCAULT, 2004, p. 631).

Modificar o campo de experiência remete a questionamentos sobre de que maneira cada sujeito se estabeleceu institucional, histórica e culturalmente como





objeto de um conhecimento possível. Se não se abre mão da especificidade e singularidade de cada um também não se negligencia o atravessamento de discursos e a produção de sentidos inseridos no bojo das relações de poder. Frente às pressões do produtivismo vale perguntar como historicamente houve o aparecimento (e a reprodução de) regulações em que esquemas foram sobrevalorizados, motivados, valorizados, impostos. Para isso, Foucault estudou as técnicas de si enquanto ressaltando a existência de procedimentos que visam estabilizar ou transformar a identidade do sujeito a partir de uma multiplicidade de fins.

Cabe situar, neste contexto, que Foucault vai retornar aos preceitos helênicos em que Sócrates acentua o cuidado de si como sendo fundado no conhecimento de si. Podemos afirmar que todo pensamento socrático-platônico em torno do cuidado de si estará em entendê-lo a partir do princípio *conhece-te a ti mesmo*. O que nos interessa é que ao fazer todo esse retorno à moral greco-romana e então resgatar a noção de cuidado de si “Foucault buscou mostrar outro tipo de relação do homem consigo próprio (e com os outros). Isso porque tal relação não mais se baseia na universalidade de um fundamento nem em uma moralidade imposta tampouco em uma reflexão sistemática sobre um sujeito preexistente à cultura, ou seja, como algo já dado de antemão à experiência e à ação (*sujeito-sempre-aí*, segundo o preceito iluminista)” (SANTOS, SILVEIRA & SILVA, 2016, p. 1285). Desse modo, recolocar o imperativo “conhece-te a ti mesmo” serve para um contexto bem explícito: O que fazer de si mesmo? Que trabalho operar sobre si? “Como ‘se governar’ exercendo ações em que se é em si mesmo o objeto dessas ações, o domínio no qual elas se aplicam, o instrumento ao qual elas recorrem e o sujeito que age?” (FOUCAULT, 2014, p. 349).



Vale ressaltar, neste contexto, que não apenas o objeto estudado está regulado por condições discursivas e institucionais, mas também o sujeito tomado enquanto sujeito do conhecimento, aquele que se dedica ao estudo (e, algumas vezes, à modificação) de tal objeto. Isso porque o sujeito também foi sendo transformado na medida em que experienciou formas de olhar os objetos do mundo.

Também o sujeito é remetido a operações e processos de subjetivação que o tornam sujeito do conhecimento em instâncias históricas, culturais, institucionais específicas. Para Foucault, mais do que descobrir quem somos, devemos “[...] recusar o que somos. Devemos promover novas formas de subjetividades refutando o tipo de individualidade que nos foi imposta” (FOUCAULT, 1995, p. 232). Assim, nem o sujeito nem o objeto devem ser percebidos como previamente existentes, ambos submetidos a regimes de verdade e a formas de subjetivação e objetivação.



Análise discursiva do Manifesto *Slow Science*

Figura 1: Manifesto *Slow Science*



Fonte: Disponível em: <http://slow-science.org>⁵

⁵ Tradução: O MANIFESTO SLOW SCIENCE

[original: <http://slow-science.org/> - (c) The Slow Science Academy, 2010]

Somos cientistas. Não blogamos nem tuitamos. Não temos pressa.

Sem mal entendidos. Somos a favor da ciência acelerada do início do século XXI. Somos a favor do fluxo interminável de revistas com pareceristas anônimos e seu fator de impacto; gostamos de blogs de ciência e mídia, e entendemos as necessidades que relações públicas impõem. Somos a favor da crescente especialização e diversificação em todas as disciplinas. Queremos pesquisas que tragam saúde e prosperidade no futuro. Estamos todos neste barco juntos.





Em 1980 um cozinheiro italiano chamado Carlo Petrini participou de uma campanha contra a implementação de uma sede do *McDonald's* na cidade de Roma. Estava lançado o estopim para a criação do movimento *Slow Food*, seguido em mais de 150 países, que defendia os alimentos da cozinha tradicional. A cozinha regional, diferente do fast food, necessita de tempo para o preparo e para degustação, defendia o cozinheiro e outros simpatizantes do movimento. O *Slow Movement* passou a pregar a desaceleração das relações humanas. Para combater o instantaneísmo e a pressa que encorpa os praticantes da ciência na atualidade foi criado na Alemanha o movimento *Slow Science* cujo manifesto foi lançado em 2010. Isso porque, para seus defensores, o produtivismo gera uma multidão de comportamentos insanos que tornam cientistas engrenagens de uma linha de montagem incessante. Aos que não se inserirem nesta linha de montagem produtivista recai a acusação de serem preguiçosos, inertes, improdutivos.

Ciência em ritmo de *delivery* significada pelos sentidos do modelo neoliberal que organiza os processos de produção do capitalismo tardio. As universidades sofrem os efeitos de processos de reestruturação impostos por gestos gerenciais que administram “estrategicamente” os espaços de produção e divulgação de conhecimento para aumentar

Acreditamos, entretanto, que isto não basta. A ciência precisa de tempo para pensar. A ciência precisa de tempo para ler, e tempo para fracassar. A ciência nem sempre sabe onde ela se encontra neste exato momento. A ciência desenvolve-se de forma instável, através de movimentos bruscos e saltos imprevisíveis à frente. Ao mesmo tempo, contudo, ela muitas vezes emerge lentamente, e para isso é preciso que haja estímulo e reconhecimento.

Durante séculos, *slow science* foi praticamente a única ciência concebível; para nós, ela merece ser recuperada e protegida. A sociedade deve dar aos cientistas o tempo de que eles necessitam, e os cientistas precisam ter calma.

Sim, nós precisamos de tempo para pensar. Sim, nós precisamos de tempo para digerir. Sim, nós precisamos de tempo para nos desentender, sobretudo quando fomentamos o diálogo perdido entre as humanidades e as ciências naturais. Não, nem sempre conseguimos explicar a vocês o que é a nossa ciência, para o que ela servirá, simplesmente porque nós não sabemos ainda. A ciência precisa de tempo.

Tenham paciência conosco, enquanto pensamos. [Tradução de José Eisenberg; Revisão de Antonio Engelke]





exponencialmente a quantidade de produtos oferecidos em tempo recorde aos consumidores ávidos por novidades. As universidades são assim administradas como empresas e a produção científica é gerida pela lógica do mercado editorial. (ZOPPI FONTANA, 2012, p. 246-247)

O discurso da produtividade científica (*Fast Science*) e do movimento de desaceleração da ciência (*Slow Science*) estão relacionados a formas de objetivação e de subjetivação de sujeitos que podem ou não ser considerados cientistas a partir de uma legitimação coletiva, de cima para baixo e de uns em relação aos outros, inseridos que estão nesta configuração histórica específica de mcdonaldização da ciência. Assim, as lutas e resistências se travam em todas as classes e estratos sociais, de cima para baixo, da direita para a esquerda e, por isso, é pujante considerar uma microfísica de poder que atravessa os corpos. Se o poder produz saberes e induz ao desejo a materialidade discursiva do manifesto *Slow Science* permite perceber a manifestação de relações de saber e poder que incidem sobre profissionais ligados á ciência do menor ao mais complexo estágio de produção.

Os enunciados que organizam sentidos do manifesto empregam um jogo discursivo que visa problematizar a existência de uma forma de mcdonaldização da ciência que gera uma produtividade tão exaustiva que impede a assimilação e a leitura global até mesmo dos mais especializados. A ausência de imagens no manifesto pode ser relacionada a um enxugamento do excesso até mesmo no corpo do texto (apenas o texto, com uma cor suave ao fundo e algumas palavras destacadas na cor vermelha). Menos é mais. A ciência precisa de tempo. O próprio ato de separar a ciência em dois segmentos que se digladiam entre si – humanidades e ciências naturais – ativa uma memória associada a uma forma cristalizada de perceber o fazer científico “sério” de um fazer científico diferente (“*especially when fostering lost dialogue between Humanities and Natural Sciences*”).

A cristalização e regulação do que vem a ser ciência historicamente se deu relacionando-se o fazer científico a um segmento de experimentação desenvolvido nas ciências naturais: reduz-se a ciência a um modelo pré-concebido das ciências naturais experimentais. Isso faz com que ser cientista remeta a formas de subjetivação que revelam coações, legitimações e pré-construídos acerca do que vem a ser fazer ciência. O que chama atenção é que no manifesto é mencionada tal oposição entre as Humanidades e as Ciências Naturais para corroborar um tempo necessário a ambas que está sendo negado. Não se trata de negar um *modus operandi* de fazer ciência, mas de situar a heterogeneidade que ativa uma memória para endossar que a desaceleração diz respeito a ambos os modos de fazer ciência.





Não se trata de afirmar, então o que é ciência a partir de um eixo regulador de possibilidades: a heterogeneidade é necessária, não são somente as Humanidades que precisam desacelerar nem tampouco somente as Ciências Naturais. Não foi mencionado que “*Humanities needs time*” ou “*Natural Sciences needs time*”. A mensagem do manifesto é: “*Science needs time*”. Para corroborar o que afirmamos basta mencionar que anteriormente, no mesmo documento, é mencionado que “All of us are in this game, too”.

O manifesto se organiza em torno de um enovelado de discursos que produzem verdades e constituem a ideia de um modus operandi científico desacelerado. Trata-se de produzir uma função enunciativa que, segundo Gregolin (2016) a partir da *Arqueologia do Saber*, pode ser caracterizada considerando-se quatro elementos relacionados ao funcionamento discursivo:

a) Um referencial como campo de emergência. Tal campo está relacionado à possibilidade de aparecimento enunciativo. É neste aparecimento do enunciado que lhe são atribuídos sentidos e valor de verdade. No caso, tal referencial se tece por meio de um discurso do manifesto uma ideia de ciência da qual se quer distanciar e uma ideia de ciência que se quer construir centrada nos conceitos de qualidade, paciência, tempo, qualidade.

b) A posição sujeito que é determinada e constrói sentidos do enunciado. No caso, se trata de uma voz institucional oficial – *Slow Science Academy* – com sede em Berlim, Alemanha. A credibilidade do enunciado está associada a esta posição-sujeito, pois sua existência permite pensar tal enunciado como verdadeiro.

c) O domínio associado, que está relacionado a uma trama de discursos que remete a uma multiplicidade de enunciados associados, por meio de redes discursivas e de memória que se atualizam se contrapondo ou justificando-se entre si. A existência de dois tipos de ciência: *slow science* e *fast science* remetem a atualização de enunciados associados a uma memória e a redes discursivas específicas que produzem sentido dos enunciados do manifesto. Reatualizar memórias da *fast science*, ainda presente na forma de fazer ciência (inter) nacionalmente, faz emergir o entranhamento discursivo na construção simbólica - historicizada – do fazer ciência hoje a partir da lógica da *fast science*: a mcdonaldização da ciência, as pressões do produtivismo, o enaltecimento da quantidade, a exasperação, o cansaço. Tem-se, então a atualização de enunciados a



partir da caracterização da *slow science*: possibilidade de fracasso, instabilidade, incertezas, necessidade de desapressar, tempo para pensar, imprevisibilidade.

d) A existência material do enunciado: o enunciado se materializa em formas verbais e não verbais. Neste manifesto, a materialidade verbal constroi argumentos que se articulam em prol da defesa da desaceleração da ciência. Isso sem que se exclua como possibilidade a ciência acelerada hodierna: “*we do say Yes to the accelerated science of the early 21st century*”, para articular a existência da ciência acelerada a uma necessidade de desaceleração: “*However, we maintain that this cannot be all. Science needs time to think.*”. Tal desaceleração remete a enunciados que produzem sentidos relacionados a outra forma de perceber a ciência, não como campo de fabricação de verdades irrefutáveis, mas como um caminho de incertezas que precisa de experimentações de saber e tempo para digerir, problematizar, reformular, duvidar: “*We cannot continuously tell you what our science means; what it will be good for; because we simply don't know yet.*” Tal sentido de desaceleração é reforçado pela materialidade não verbal: o fundo do texto tem cor clara e não há detalhes chamativos além do texto em si o que já remete a uma produção de sentidos associada à necessidade de desacelerar, que está articulada a materialização de enunciados no manifesto, a um cuidado para excluir o excesso de informações além do texto.

Vale assinalar que o alerta do manifesto se coloca como palavra plural que representa um coletivo de cientistas: “*We are scientists*” seguido de algumas especificações: “*We don't blog. We don't twitter. We take our time.*” O tempo que remete a uma temporalidade desenfreada remetendo a um conjunto de enunciados que produz o sentido de pressa, de corriqueiro, de imediatismo é contraposto a um desejo de desaceleração. “*We take our time*”, então, leva a um conjunto de identificações e desidentificações relacionadas a um modo de fazer ciência visando um distanciamento e ruptura com essa forma de agir. Também, implicitamente, é um convite a fazer parte, ainda que isso não se dê explicitamente, de um conglomerado de pessoas que precisam perceber a ciência com outros olhos.

“*Society should give scientists the time they need, but more importantly, scientists must take their time.*” Tem-se aqui um enunciado que permite perceber que a materialidade linguística remete a um alerta aos cientistas: não é apenas a sociedade que espera que os resultados sejam rápidos e o retorno cada vez mais imediato. Os cientistas também precisam ter calma. E porque este alerta no interior do manifesto? Além da produção de um efeito de identidade relacionado à



necessidade de desacelerar, tal enunciado remete a um contingente social, histórico e cultural em que vivemos: na era da informação, das supermáquinas, dos empreendimentos digitais cada vez mais descartáveis e substituíveis a velocidade é a regra. Isso porque não existe sujeito sem história e o fato de que o sujeito não é fonte de seu dizer se ancora em uma concepção de sujeito incompleto, constituído pelas malhas do poder que articulam-se a modos de saber. Não há um sujeito centrado, fechado sobre si, soberano daquilo que diz: há sempre um contexto social, histórico, mais abrangente e discursos que atravessam seu dizer. Por isso que em Foucault o sujeito é uma função determinada e variável e não é mais o centro dos acontecimentos discursivos, mas objeto e sujeito de tais acontecimentos.

Com a objetivação dos cientistas tem-se também a objetivação da ciência e então se propõe aos sujeitos uma imagem de identidade coletiva atrelada à qualidade de vida e de produção de trabalhos ao invés de primar pelo produtivismo desenfreado. Uma vez que se organiza em torno de uma mídia específica produz modos de subjetivação. O alcance global de um manifesto escrito em uma língua como o inglês que é a língua de boa parte das revistas de maior fator de impacto existentes no mundo não é mero acaso. Por isso, porque o alcance e a reprodução de uma forma de fazer ciência já produzem sujeitos e modos de comportamento no mundo todo, ao invés de se contrapor à sua existência sugerindo outra em seu lugar, a tessitura de enunciados do manifesto alerta: “*we do say Yes to the accelerated science of the early 21st century*”.

Não se contrapor inicialmente se articula a uma estratégia discursiva que revela, mais adiante, que a ciência acelerada tem apresentado historicamente uma justificativa para ser assim: a especialização e a diversificação de resultados que visam promover saúde e prosperidade para os seres humanos, justificativa esta que precisa ser preservada. (“*We also say yes to research feeding back into health care and future prosperity. All of us are in this game, too*”). Mas o reconhecimento de características positivas se encerra aí, já que logo adiante será mencionado que a ciência precisa de paciência e tempo para fracassar porque pode ser instável e imprevisível (“*Science needs time to read, and time to fail. Science does not always know what it might be at right now. Science develops unsteadily, with jerky moves and unpredictable leaps forward*”). Nem sempre a ciência é rápida e o tempo menos veloz com que alguns resultados ou mesmo o caminho de descobertas imprevisíveis chega até os cientistas – e até mesmo à sociedade – precisa ser respeitada (“*at the same time, however, it creeps about on a very slow time scale, for which there must be room and to which justice must be done*”).

Como mencionado anteriormente, um enunciado sempre está ligado a outros por meio de memórias que se atualizam. As formas de fazer ciência e de





perceber a ciência no século XXI emergem no manifesto como uma contingência existente e outra contingência necessária. Assim, não há somente contrapontos entre ciência rápida x ciência lenta; pressa x paciência; produção de verdades irrefutáveis x verdades questionáveis; estabilidade x instabilidade. Tais contrapontos se inserem historicamente no contexto específico de publicações, concursos, análise de produtividade docente, avaliação de cursos e instituições por órgãos fomentadores de pesquisa, etc.

Não é a toa que na cor vermelha (evidenciando realce em relação ao restante do documento) estão o nome do movimento, de uma instituição –“*Slow Science Academy*” – seguida da localização – Berlim – e hiperlinks que remetem ao *Facebook* – visando compartilhamento do manifesto – e download do documento digital.

Assim a objetivação e a subjetivação dos sujeitos nos enunciados são processadas por meio de estratégias discursivas que remetem a um tipo de ciência e não a outro. Na verdade, tais estratégias discursivas remetem tanto à *fast science* quanto à *slow science*. A ausência de um elemento faz com que este se torne presente quando outro que se contrapõe a ele se evidencia nas malhas do discurso. Quando se diz que não há pressa se está opondo, assim, a quem tem pressa e assim por diante. Então, a questão é investigar como apareceu tal aglomerado de enunciados e não outros em seu lugar. Isso porque o uso das estratégias discursivas está ancorado no funcionamento linguístico que faz do sujeito leitor uma superfície sobre a qual se instalam formas de subjetivação inscritas em modos de objetivação específicos relacionados ao fazer científico em oposição a outras formas de fazer ciência (*fast science*).

Notas sobre o poder, a experiência e a era do produtivismo acadêmico

Para Foucault é necessário empreender esforços contra práticas de poder que incidem sobre a vida cotidiana. Isso porque as lutas não giram em torno de ataques a instituições, classes ou grupos sociais específicos, mas em torno da busca da identidade. O que há, desde o século XVIII, para ele, são técnicas de individualização: as técnicas de individualização se dão a partir de uma diversidade de poderes oriundos de diferentes esferas – da educação, dos padrões, da educação,



da medicina, da ciência – visando a imposição de individualidades e formas de subjetivação. A questão ética e política que se propõe não é a libertação do Estado, mas das individualizações que advém das malhas do poder (FOUCAULT, 1995).

Dissipar as representações individualizadoras que mantêm o sujeito refém de identidades tornadas fixas pelos poderes, eis o objetivo da crítica foucaultiana ao empreender a ontologia das subjetividades, articulando-a com os discursos e com a produção de verdades históricas sobre os sujeitos (GREGOLIN, 2016, p.134).

Para Foucault é preciso assumir um *ethos* em que a crítica de nós mesmos passa a estar articulada a uma crítica sobre os limites que incidem sobre nossas vidas. Dissipar representações individualizadoras é ação que se articula com formas de experiências outras como sujeito de experiência. Se a experiência em Foucault é o que permite transformações, a repetição de atos automáticos não é experiência.

Alguns avaliam que a culpa dessa alienação desenfreada relacionada à adesão da Fast Science tem a ver com a cienciometria: um amontoado de métricas que servem para medir e constituir rankings comparatórios. Há que se mencionar que tais medições se estabelecem a partir da função de medir. Então, mais do que a existência dessas métricas o que pesa no que diz respeito à objetivação do conhecimento e subjetivação de sujeitos é a forma como estas medições associadas a desempenho produzem efeitos de sentido relacionados a uma cisão entre cientistas legitimados e não legitimados culturalmente. O caminho da competição selvagem é fomentado pela lógica neoliberal de mercado onde o ritmo é o da pressa desenfreada que visa alimentar um contingente cada vez maior de consumidores ávidos por novidades. Ocorre que nem sempre a qualidade das informações veiculadas em tempo cada vez mais veloz, talvez aliada a lógica das tecnologias





que primam por uma aceleração de produtos: uma mensagem que antes levava tempo para chegar por carta hoje chega ao destinatário por e-mail quase tão instantaneamente quanto logo depois de enviada pelo remetente.

O sujeito da experiência, segundo Larrosa (2016), não é o sujeito de qualquer ação possível. Considerar a experiência de modo distinto a qualquer generalização de vivências faz com que percebamos que é cada vez mais rara por excesso de trabalho. Isso permite que não confundamos experiência com trabalho: o excesso de tempo dedicado ao trabalho faz com que cada vez menos experiências nos aconteçam. A reprodução de sujeitos que estão em contínua formação acelerada, em constante atualização, em um movimento de reciclagem sem fim, faz às vezes que se trate o tempo como mercadoria porque não se pode protelar, não se pode dedicar tempo ao ócio, se deve ser o tempo todo e quanto mais possível for, produtivo. É contra o excesso de trabalho e o desgaste incessante que movimentos como o *slow science* se tornam possíveis na contemporaneidade.

A ciência rápida, aquela dos que têm pressa, que impera sob a égide do produtivismo, corre o risco de reforçar o preceito de que vivemos em uma sociedade de informação e que as coisas são assim mesmo. Desnaturalizar saberes que estão articulados a redes de poder é mais que urgente, é necessário. Isso porque uma sociedade que se constitui sob o signo da informação é uma sociedade carente de experiências significativas (LARROSA, 2016).

Por que o sujeito moderno se informa mais rapidamente, está cada vez mais obcecado em ter opinião. Tais considerações estão articuladas a uma forma de perceber a ciência e as formas de saber. Por isso, seguem as palavras de Jorge Larrosa acerca disso:



O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação. Para nós, opinião como a informação, se tornou um imperativo. [...] E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresente, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem que ter opinião. Depois da informação vem a opinião. No entanto, a obsessão pela opinião também anula nossas possibilidades de experiência, também faz com que nada nos aconteça (LARROSA, 2016, p. 20).

O indivíduo, nessa obsessão em se informar, opinar e se posicionar aos fatos passa a ser resultado da fabricação dos aparatos de informação e de opinião e, por causa dessa obsessão, se torna incapaz de experiência. Se tornar um consumidor voraz de notícias faz com que a mente dificilmente silencie e assim cada vez menos experiências acontecem. Informação e saber aparecem articulados a uma necessidade de informação que vai se acumulando. Por isso, é necessário separar a experiência da informação. Quando dizemos que vivemos na sociedade da informação, Larrosa (2016) nos adverte para o risco de acreditarmos que com isso se vive na “sociedade do conhecimento” ou “sociedade da aprendizagem” como se o simples acúmulo de informações oferecidas à exaustão por meio de diversos dispositivos midiáticos reduzisse conhecimento e saber a um acúmulo e processamento de informações recebidas.

Constituir-se como sujeito da informação pode resultar na impossibilidade de experiência. Se a experiência está ligada a uma transformação, a uma imprevisibilidade, podemos afirmar que a concepção de ciência que se aproxima mais de uma contingência que faculte aos sujeitos a experiência é a *slow science* por afirmar a imprevisibilidade, a necessidade de silenciar, de ter paciência, de não saber onde está nem para onde se vai. Se a filosofia é uma forma de experiência,



pensar sobre quem somos e onde nos situamos no mundo permite acatar a existência de diversas formas históricas de experiência que produzem diferentes subjetivações. Assim, modos de subjetivação específicos remetem a graus de individuação e modalidades de dessubjetivação porque o sujeito da ciência enquanto objeto do conhecimento a partir de uma lógica *fast science* pode reforçar o negligenciamento dos efeitos de tal individuação de sujeitos.

Retomamos aqui a matéria assinalada no início deste trabalho: um número alarmante que remete a um contingente significativo de pós-graduandos em estado de depressão. As formas de ocupação do tempo e a relação com o fazer científico na era do produtivismo de alto impacto revelam não apenas a existência de sujeitos que têm existência individualizada no mundo, mas reforçam a hipótese da dispersão do sujeito. Isso porque importa pensar quem fala, de onde, qual o status do enunciador, como seu papel se constroi juridicamente, como é sua relação com outros indivíduos e assim, não se remete a ideia de um sujeito soberano, fonte do dizer, de alguém anterior à fala, preexistente à própria palavra.

A liberdade e autonomia estão cada vez mais massacradas com o avanço do capitalismo e da adoção de uma gestão empresarial nas universidades sob a égide do produtivismo. Tal cenário permite assinalar a necessidade de repensarmos criticamente os rumos que o desenvolvimento das relações de produção e os paradigmas de regulação, homogeneização e universalização imperam na academia (e fora dela). Assim, o trabalho sobre nossos limites “[...] coincide com uma prática de liberação, de libertação de sujeitos, que parte de indagações que podem ser pontos de apoio das reflexões [empreendidas sobre si]” (SANTOS, SILVEIRA & SILVA, 2016, p. 1285).



Mais do que falar em técnicas de si e práticas de individualização de sujeitos tem-se a necessidade de elaboração de outros modos de existência porque as práticas formadoras dos modos de ser não podem ser negligenciadas. É no interior do cotidiano, de cada escrita, de cada conversa de corredor, de cada submissão, da possibilidade de fazer pausas entre um trabalho e outro e até mesmo o direito de não saber para onde vai ou a carência de significações imediatas para aquilo que se faz que se constitui o fazer científico a partir de focos de resistência. Mesmo que efeitos totalizadores de individualizações homogêneas pareçam afirmar o contrário. Sob o risco dos braços do produtivismo que permeiam instituições e práticas cotidianas na universidade e fora dela é preciso criar um espaço crítico em que as relações entre ciência, sociedade e lógica de mercado sejam problematizadas porque faltam espaço e tempo legitimados institucionalmente para um fazer científico diferenciado. É isso ou a esteira da linha de montagem vai ficando cada vez mais veloz e, assim, experiências significativas com o saber ficam cada vez mais distantes.

Referências

ALMEIDA, Leila Cristina da C. Santos; FERRERI, Marcelo de Almeida; BENGIO, Fernanda Cristine dos Santos. A cor cinza da análise genealógica de Michel Foucault e o governo das condutas. In: LEMOS, Flávia Cristina Silveira; GALINDO, Dolores; BRÍCIO, Vilma; CRUZ, Nonato de Franco Farias da; GOMES, Geise do Socorro Lima; REIS JÚNIOR, Leandro Passarinho (Orgs.). **Estudos com Michel Foucault: Transversalizando em Psicologia, História e Educação**. Curitiba: CRV, 2015, p. 319-328.





BRANDÃO, Ramon Taniguchi Piretti. Experiência e transformação de si: Foucault e a estetização da vida. **Interespaço**: revista de Geografia e Interdisciplinaridade, v. 2, n. 4, p. 81-96, 2016.

CASTIEL, L. D.; SANZ-VALERO, J.; VASCONCELLOS-SILVA, P. R. **Das loucuras da razão ao sexo dos anjos**: biopolítica, hiperprevenção, produtividade científica. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**. Trad.: Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad.: Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V**. Trad. Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. Entretien avec Michel Foucault. **Dits et Écrits IV**. Paris: Gallimard, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 26 ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2008.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert (Orgs.). **Michel Foucault: uma trajetória filosófica – para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 229-249.

FOUCAULT, Michel. Poder e saber. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos IV: Estratégia, poder-saber**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.



FOUCAULT, Michel. Subjetividade e verdade. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos & Escritos X: Filosofia, Diagnóstico do presente e Verdade**. Trad. Adbner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014, p. 349-354.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Michel Foucault: uma teoria crítica que entrelaça o discurso, a verdade e a subjetividade. In: FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Orgs.). **Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso**. Campinas: Pontes, 2016, p. 115-142.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Trad. Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

MACHADO, Roberto. **Impressões de Michel Foucault**. São Paulo: n- edições, 2017.

PELBART, Peter Pál. Experiência em Foucault. KIFFER, Ana, GUIMARAENS, Francisco de; ROCHA, Maurício; ANDRADE, Paulo Fernando Carneiro (Orgs.). **Michel Foucault no Brasil**. Rio de Janeiro: Nau editora/ Editora da PUC-Rio, 2015, p. 135-158.

RABINOW, Paul; DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

SALO, Petri e HEIKKINEN, Hannu L. T. **Slow Science, an alternative to mcdonaldization of the academic lifestyle**. 2011. Disponível em: <https://threerottenpotatoes.files.wordpress.com/2012/02/salo2011_slow-science-alternative-to-macdonaldization.pdf> Acessado em 31 de janeiro de 2018.

SANTOS, Gabriel Nascimento da Silva; SILVEIRA, Éderson Luís; SILVA, João Paulo de Lorena. (Des) naturalizando sujeitos e práticas na escola: Foucault para além de vigiar e punir. **Educação & Realidade**, v. 41, n. 04, p. 1275-1287, 2016.



SILVEIRA, Éderson Luís e SILVA, Francisco Vieira da. A escrita (des) legitimada e os efeitos da autoria Na ordem do discurso acadêmico. SOUZA, Leonard Christy.

Foucault em discursos. Nova York: Amazon Kindle, 2016. 01-10.

ZOPPI FONTANA, Mônica Graciela. Slow Science: a temporalidade da ciência em ritmo de ‘impacto. **Leitura**, v. 50, p. 223-257, 2012.